

Mulheres da música na *Revista Ilustração Pelotense*: a imagem como construção da identidade.

NOGUEIRA, Isabel Porto¹.MICHELON, Francisca Ferreira²

1 Doutora em Musicologia, Professora do IAD/UFPEL, Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas – UFPEL

2 Doutora em Historia, Professora do IAD/UFPEL, Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas – UFPEL

isanog@terra.com.br / franciscafmichelon@yahoo.com.br

O conteúdo deste artigo apresenta e analisa dados levantados através de um projeto, desenvolvido a partir de 2005, que pretendeu organizar um catálogo e um índice temático das notícias e imagens sobre música publicadas na *Revista Ilustração Pelotense*. Essa revista foi publicada quinzenalmente no período 1919-1927, impressa na cidade de Pelotas e distribuída em diversas localidades de todas as regiões do Rio Grande do Sul, dentre elas citamos Alegrete, Bagé, Bento Gonçalves, Cachoeira, Cangussu, Caxias, Cassino, Dom Pedrito, Herval, Itaqui, Jaguarão, Livramento, Piratini, Passo Fundo, Pinheiro Machado, Porto Alegre, Palmeira, Quaraí, Rio Grande, Rosário, São Borja, São Gabriel, São Luis Gonzaga, São Lourenço, Santa Maria, Santa Vitória, Uruguaiana.

Desde o primeiro número da revista, lançado em janeiro de 1919, os editores afirmavam a importância do periódico constatada a partir da carência de um veículo que registrasse e tornasse públicos os fatos da cultura e da sociedade intelectual da cidade e do Estado. Esse foi um primeiro momento, que durou ao longo do ano de lançamento e um pouco mais. Mas a vocação imanente acabou por manifestar-se quando o editorial da revista passou a anunciá-la como um veículo do mundo elegante, também destinado a dar visibilidade às mundanidades, que igualmente incluíam os fatos artísticos e culturais que continuaram ocupando suas páginas, visitadas pelo público de outras cidades. Tais observações redundam em considerar a *Revista Ilustração Pelotense* como um periódico motivado a registrar e dar a conhecer o modo de vida e a produção da intelectualidade pelotense para um mercado maior do que o da cidade; o que faz crível que seu perfil editorial valorizava a cultura através das imagens ao igual que outras publicações do estado e do país, ao mesmo tempo em que refletia valores culturais vigentes no Rio Grande do Sul naquele período. O

que destaca a revista no contexto das demais publicações do país, cujas finalidades concorriam para a afirmação do viver moderno, é a infatigável reiteração da cultura pelotense, apregoada e sublinhada com distinção nas suas seções, nas imagens e nos seus textos, fossem esses legendas, crônicas ou qualquer gênero de literatura. Evidenciada a vocação nas próprias páginas da revista, coube aos pesquisadores reunir as matérias e imagens que se referiam ao mundo artístico musical.

Para a realização deste catálogo das notícias sobre música publicadas na *Revista Ilustração Pelotense*, procedeu-se à identificação dos números da Revista existentes nos acervos da cidade de Pelotas e posterior localização nestes das notícias, artigos, críticas, fotografias, caricaturas e anúncios sobre música. A partir disto, as notícias foram transcritas e as imagens digitalizadas, e elaborou-se um índice temático com as seguintes informações: ano da Revista, número, quinzena, título da notícia, autor, assunto. Posteriormente, procedeu-se à análise dos resultados obtidos no contexto do fazer musical na Primeira República no Rio Grande do Sul.

A metodologia de abordagem das notícias e das fotografias impressas na *Ilustração Pelotense* pressupôs sua organização em categorias. Esses conjuntos, assim determinados, favorecem a identificação dos temas com os quais a revista trabalhava e para os quais era dada ênfase através do registro escrito e do registro visual. A partir da identificação das categorias, é possível localizar as prioridades da revista e as tendências que viabilizam resultados para a interpretação.

Uma vez que os exemplares da Revista que ainda hoje existem encontram-se em poder de acervos particulares, torna-se particularmente difícil o acesso às edições, e se faz necessário um trabalho cuidadoso e muitas vezes demorado para que se obtenha a cedência do material para a pesquisa. Até o momento (agosto de 2007), foram localizados 123 exemplares da Revista, publicados entre os anos de 1919 e 1926; observando que no primeiro ano, 1919, sua publicação foi mensal, e a partir do segundo ano, tornou-se quinzenal.

Após a identificação e digitalização das notícias e imagens, procedeu-se à identificação das categorias para elaboração do índice temático e posterior análise.

Sobre as fotografias, foram identificadas quatro categorias, a saber: Retratos, Eventos, Locais e Instantâneos. A categoria “Retratos” é a mais numerosa, demonstrando um maior número de retratos individuais, com predomínio de imagens de mulheres na modalidade do

¾ de perfil, conforme tendência da época. É notória a ênfase para o artista e para a personalidade artística traduzida em poses, ângulos inusitados, enquadramentos expressivos e composição de luz e contraste, qualidades que apontam para fotos geradas em estúdio, planejadas e executadas por retratistas criativos e experientes tecnicamente.

Na análise das notícias sobre música publicadas na *Revista Ilustração Pelotense*, foram identificadas cinco categorias, a saber: Músicos na *Ilustração*, Vida musical na cidade de Pelotas, Notícias musicais de outros centros, Conservatório de Música de Pelotas e Antonio Leal de Sá Pereira e o Centro de Cultura Artística. A categoria “Músicos na *Ilustração*” é a mais numerosa dentro da Revista, e observamos aqui a forte predominância de mulheres, realizando concertos em diversos locais da cidade de Pelotas, como teatros, cafés, cinemas, Biblioteca Pública e Conservatório de Música. Encontramos também na Revista notícias sobre o carnaval nas ruas e nos clubes sociais da cidade, a comercialização de partituras pelos estabelecimentos comerciais e notícias sobre as atividades desenvolvidas pelos diretores, alunos e professores da escola, bem como sobre os concertos de alunos promovidos pelo Conservatório de Música de Pelotas. Podemos observar que a Revista ressalta a importância da cidade sediar uma escola especializada de música, destacando a competência de seus professores através da publicação de notícias e artigos sobre Sá Pereira e o Centro de Cultura Artística, onde destacamos a criação do “Coro dos Mil”, que interpretou o Hino Nacional Brasileiro diante da Prefeitura da cidade nas comemorações do Centenário da Independência.

Da data de lançamento do primeiro número da *Revista Ilustração Pelotense* passaram-se quase oitenta e oito anos, tempo suficiente para que as mudanças ocorridas delimitem aqueles anos em outra era, tanto da sociedade como do próprio mercado editorial.

As semelhanças com as revistas que se produzem hoje, existem, mas não são muitas e as diferenças marcam, sobretudo porque se apresentam numerosas, indicando através dessas peculiaridades um modo de produção e consumo dessas revistas do passado, naquele tempo. Mas, ao focar essa época, consideraremos que a determinação sobre o que veio a ser o variado universo das revistas, hoje inevitavelmente ilustradas, ocorreu de forma processual, num desenrolar de tomadas de rumos ocorridas em momentos diversos, com intensidades diferentes e, quase sempre, repetindo os exemplos de sucesso.

Eis aí o que nos faz distinguir a *Revista Ilustração Pelotense*, que por mais de meia década foi publicada em Pelotas e distribuída em outras cidades do Rio Grande do Sul. Boa parte de sua singularidade e importância encontra-se na documentação visual ditada pelas fotos nela impressas. São registros diversos que apontam como poderia ser a moda, o comportamento, os tipos de beleza e saúde e o gosto que imperava naqueles anos no município e no seu entorno. A particularidade do momento político no qual a revista foi editada pode ser notada nos valores que tais imagens deixam transparecer, discretas, sussurrando manifestações de um ideário que pressupunha a educação vigilante apta a gerar e sustentar hábitos e costumes condizentes com o sistema ideológico dominante. Seguindo o exemplo de outras revistas concomitantes à *Ilustração* e posteriores a essa (é indispensável citar *O Cruzeiro* sob esse aspecto), as capas priorizavam ou preferiam ser adornadas pelo retrato de moças da sociedade pelotense ou das cidades colaboradoras, fato que garantia a imediata comunicação com o público feminino e, evidentemente, traduzia-se em aumento dos consumidores da publicação. No editorial e no seu conteúdo, a revista sustentava o seu intento de ser um veículo da vida culta do município. A vida culta, com todos os seus elementos de distinção, que implicavam na existência dos lugares para a arte e o pensamento nessas primeiras décadas do século XX, só era pensada na cidade e, portanto, a cidade figurada na *Ilustração Pelotense* desponta-nos como um cenário para as imagens do bem viver e do viver moderno. Cultura e modernidade foram traduzidas nas páginas da ilustração através de imagens legendadas, que não raras vezes contradiziam os princípios afirmados pelo ideário progressista da Primeira República. Entretanto, a condição política vinha a ser apenas um dos elementos a caracterizar o contexto da revista, para o qual concorriam, sobretudo, os marcantes aspectos da sociedade consumidora e geradora da publicação. Há pouco mais de três décadas do fim da monarquia, o contexto da revista era notoriamente marcado pelos conceitos e valores do século XIX, necessariamente negociados com o advento da República. Essa última intencionava afirmar a inteligência brasileira no âmbito da modernidade, tornando-a partícipe das idéias universais, que tinham então a Europa como principal foco irradiador. Ilustradas, essas publicações dinamizavam o tempo, dando ares de novidade mesmo às notícias antigas. Para tanto concorriam as fotos que, embora isoladamente não tinham a competência de enunciar os pressupostos

positivistas então em voga; no conjunto repetiam elementos que davam corpo a idéias orquestradas nesse momento de inevitáveis transformações.

A *Ilustração Pelotense* tinha a singularidade de ter assumido no interior do Estado um comportamento editorial que se assemelhava aos dos impressos no Rio de Janeiro, mas nitidamente objetiva a exaltar a cidade e o modo de vida moderno, que em suas páginas se anunciava como algo que sempre ocorrera. E sob esse aspecto, a *Ilustração* anunciava o meio intelectual de Pelotas como notório e destacado no Rio Grande do Sul. As artes e a cultura eram os produtos apregoados pela revista que entremeava poesia, literatura, matérias sobre música e artes com os eventos sociais dos grupos que podiam financiar a cultura da região. Essa cidade projetada em imagens, desejada e construída em tinta e papel, era a cidade de alguns, evidentemente, que para alguns interessava. Todos os itens arrolados como os que faziam a vida social foram tratados nas páginas do quinzenário ao longo da sua existência. Imagens da cidade, dos seus fatos, dos seus homens e mulheres (os que faziam e participavam da vida social) constam ao longo de todos os números, intercalando biografias com poesias (dos colaboradores da revista, em especial dos pelotenses, mas também de escritores de outras cidades nas quais a *Ilustração* era distribuída), crítica literária e contos com histórico das instituições ou participação de acontecimentos sociais. Sob o último título, uma grande diversidade de fatos abriga-se, não apenas na forma escrita, mas, igualmente, na visual. A vida social registrada nas fotos publicadas na *Ilustração* aponta para o que na época se dava como exemplar de beleza e elegância, sobre o quê e como fazer, sobre os recursos e as manifestações do poder político, financeiro e intelectual e sobre o mundo artístico. Assim é que a revista mostrava como arte, cultura e mundanidades irmanavam-se sob a mesma luz moderna, que também aceitava iluminar a política, a institucionalização do benemerismo e a vida produtiva econômica e financeira.

De muitas maneiras esses fatos apareciam nas numerosas fotografias da revista e desempenharam, quanto a esse aspecto, um papel singular e diverso, inclusive das demais publicações. Nas páginas da *Ilustração*, a fotografia sinalizava ou indicava os parâmetros a serem seguidos ou mantidos, que diziam respeito à vida na cidade. E, também como se fazia recorrente nas ilustradas do período, as fotografias, em sua grande maioria, não ilustravam matérias, mas apareciam como que deslocadas, situadas por uma breve legenda,

que nos leva a pensar que a imagem afirmava-se por enunciado suficiente para que o seu sentido ficasse assegurado.

A imbricação entre arte, intelectualidade e vida social não foi um direcionamento exclusivo da *Ilustração*. Dentre tantas que apresentavam esse comportamento, ficou muito conhecida a *Revista do Globo*, editada em Porto Alegre de 1929 a 1948¹, que explicitava seu direcionamento desde a capa, na qual se lia: *Quinzenário de Cultura e Vida Social*. No editorial do nº 1, ano 1, Mansueto Bernardi, primeiro diretor da revista, escreve que essa se propunha a “(...) registrar e divulgar, com o auxílio da Livraria do Globo, tudo que no Rio Grande houver e doravante ocorrer, digno de registro e divulgação” e reitera a justificativa do seu nome quando diz que “(...) *Revista do Globo* porque deseja constituir uma ponte de ligação mental entre o Rio Grande e o resto do mundo”². Embora o exemplo tomado ocorra dentro de um período no qual a *Ilustração* já havia encerrado sua existência, as similaridades são muitas e até tornam visível um direcionamento que a revista pelotense tomará a partir de sua retomada em 1924 (houve uma suspensão de alguns meses entre 23 e esse ano). Quando ressurgiu, a *Ilustração* define suas seções concentrando a vida social naquela chamada de *mundanidades*. Nessa, tal como se evidencia na *Revista do Globo*, o mundo feminino (no geral moda, costumes e eventos sociais) fez-se mais evidente e direto. Outra revista com a qual a *Ilustração* alinhava-se foi a *Kosmos*³ - revista de arte e informações gráficas, de publicação semanal, cujos números encontrados são de 1926. Editada em Porto Alegre, possuía o mesmo formato da *Ilustração*, mas sem o seu direcionamento inicial de constituir um órgão de veiculação das obras e idéias da intelectualidade local. Era, por outro lado, uma revista fartamente ilustrada, com destaque para as fotografias de Porto Alegre e outras cidades. A revista quinzenal *Máscara*⁴ encontrada de 1918 a 28 e a *Revista Kodak*,⁵ editada semanalmente entre 1912 e 20, ambas também de Porto Alegre, igualmente apresentavam a estrutura de um periódico voltado para arte, cultura e vida social. A última, como pelo próprio nome indica, tinha claro o seu

¹ Depois desse período, retorna a ser editada em 1950 e prosseguirá, com as reformulações então operadas, até 1966.

² *Revista do Globo*. Quinzenário de Cultura e Sociedade. Porto Alegre: Livraria do Globo, nº1, anno1, 05/1/1929, p. 1.

³ Encontrada no Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa e Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre.

⁴ Encontrada no Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa e Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre.

propósito de ser “(...) a fotografia semanal do Estado e, particularmente, da cidade”⁶, privilegiando o registro visual desde a capa, na qual, invariavelmente, apresentava-se uma foto.

A menção a esses periódicos permite compreender o próprio contexto editorial no qual se inseria a *Ilustração* e que esse não era uma particularidade de Pelotas, bem como a estrutura da revista com funções e assuntos diversos. As singularidades dessa revista estão nas correlações possíveis de serem aferidas e na exclusividade com a qual a cidade vem a ser tratada, fato que não se observa, tão evidentemente, nas revistas citadas acima.

Nas páginas da *Ilustração*, os nomes dos intelectuais e artistas que ora divulgavam seu trabalho literário, ora eram objeto das críticas e biografias, desenharam o mapa das mentes ativas da cidade, daquelas às quais cabia um espaço assegurado para a exposição de idéias que dispunham a vida intelectual, artística, social e política do município. Observando o movimento desses atores, percebe-se como circulavam por tais meios impressos e como eram estreitas as relações que mantinham, os valores que cultuavam e os esforços que destinavam para manter sua permanência no panorama intelectual e político da cidade.

Se para a mulher da boa sociedade os padrões de registro fizeram-se notórios (Novaes, 1998), na *Ilustração* compete referenciar o contraste em que se dava a construção visual dessa mulher adequada e desejada aos princípios negociados entre o castilhismo e a modernidade (Rodríguez, 1980 e Ismério, 1995). Para a análise destas representações a questão metodológica apresentada é a análise de conteúdo da imagem (Kossoy, 1980,1989; Leite,1993). E a pergunta mais imediata, sobre a qual versam os resultados apresentados nesse trabalho é como a fotografia promove esse estatuto de mulher artista e moderna, negociando as possibilidades dessa afirmação em um contexto positivista e, ainda que enunciador da modernidade, muito arraigado aos preceitos da educação para o lar e para a família (Bassanezi; Priori, 2000).

Para uma melhor compreensão do tema Mulheres da Musica na *Revista Ilustração Pelotense*, cabe referir que, no momento de sua publicação, o Rio Grande do Sul vive o momento da institucionalização do ensino musical e a valorização da música como parte da boa educação feminina.

⁵ Encontrada na Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre.

⁶ Kodak, anno I, nº 1, p.1.

Segundo Lucas (1980), o fazer musical no Rio Grande do Sul pode ser compreendido em três momentos distintos, o primeiro deles englobando da primeira metade do século XIX ao final da década de 1870, onde “a música inexístia como atividade independente (estava associada ao culto religioso ou ao teatro), sendo profissão ligada às camadas inferiores da população. O que distingue nesta fase o profissional do amador é o fato de pertencerem a diferentes classes sociais”. Em um segundo momento, que abarca as décadas de 1880-1890, a autora observa “a expansão do amadorismo sob a forma de sociedades de concerto organizadas por e para elementos de classe dominante e setores médios urbanos, enquanto que os profissionais da fase anterior estão sendo substituídos por estrangeiros”. Logo, do final do século XIX ao início do século XX, encontramos uma “reavaliação da música como profissão a partir do contato com padrões importados, passando a ser exercida pela classe dominante/setores médios e incorporando, das etapas antecedentes, aspectos do amadorismo que possam distanciá-la de qualquer associação com o trabalho das camadas sociais inferiores.” (Lucas, 1980:151)

Nas primeiras décadas do século XX observamos a existência de sociedades de concerto, saraus e concertos nos teatros, e também a implementação do processo de institucionalização do ensino musical no Rio Grande do Sul. Cabe referir que a educação musical era um tema extremamente valorizado dentro da concepção positivista vigente no estado, mas pela Constituição Estadual gaúcha existia uma “impossibilidade de criar estruturas de ensino para a formação superior de professores e profissionais especializados em diversas áreas fundamentais para uma sociedade, inclusive a música” (Leal Rodrigues, 2000:77). A criação de escolas especializadas de música estaria então sob responsabilidade de iniciativas particulares apoiadas pelo estado, processo este que teve como um de seus pontos altos a criação do Conservatório de Música do Instituto Livre de Bellas Artes de Porto Alegre (1908). A partir de Porto Alegre foi concebido um projeto de interiorização da cultura artística; com o objetivo de criar na província do Rio Grande do Sul um movimento musical autônomo, independente do Rio de Janeiro. Idealizado por Guilherme Fontainha e José Corsi, este projeto englobou a criação do Conservatório de Música de Pelotas, em 1918. O objetivo destes dois intelectuais era a criação, em cada uma das cidades envolvidas no plano, de um Conservatório de Música que permitisse a educação musical da juventude

associado à um Centro de Cultura Artística que possibilitasse a circulação de artistas de renome nacional e internacional.

Trataremos a seguir do tema principal deste artigo: as mulheres da música na *Revista Ilustração Pelotense*.

Interessante observar que mesmo que seja uma revista com forte apelo junto ao público feminino, a Revista era produzida e editada exclusivamente por homens: Bruno de Mendonça Lima era seu editor, Pedro Vergara e Coelho da Costa seus editores (sucessivamente), o diretor artístico era Luiz Lanzetta Brisolará da Silva e o impressor era Antônio Estima. Sendo uma publicação feita por homens e dirigida direta ou indiretamente ao público feminino, é interessante observar a forte presença da mulher nas temáticas abordadas, e referir ainda que esta abordagem incluía a mulher como profissional da música, algo raro na sociedade daquele momento.

As mulheres estavam presentes, e com forte destaque, em diversos aspectos: todas as capas das revistas exibiam figuras femininas, eram publicadas poesias produzidas por mulheres ou homenageando mulheres, entrevistas formuladas por mulheres e respondidas por outras mulheres, artigos escritos por mãos femininas que destacam aspectos cotidianos da vida moderna da mulher.

Das mulheres da música destacadas pela *Revista Ilustração Pelotense*, observamos imagens e notícias sobre concertos de cantoras ou instrumentistas, das quais elaboramos a seguinte categorização: jovens mulheres alunas do Conservatório de Música; instrumentistas-diletantes da sociedade; moças da sociedade (não musicistas) fotografadas portando instrumentos musicais, cantoras ou instrumentistas estrangeiras que vinham à cidade realizar concertos e a cantora lírica Zola Amaro. Pelo número de notícias encontradas sobre Zola, entendemos que ela merece uma categoria especial, da qual nos ocuparemos a seguir, mesmo fazendo parte do grupo de cantoras ou instrumentistas.

Zola Amaro (1890-1944), cantora cuja carreira desenvolveu-se a partir do final da década de 1910, foi a primeira sul americana a apresentar-se no Teatro Scala de Milão e tornou-se a primeira cantora lírica brasileira a obter sucesso internacional. Sua trajetória artística foi marcada pelos personagens título “Norma” e “Aída”, com os quais ela se apresentou nos mais renomados teatros líricos do mundo. Procedente de uma tradicional família pelotense; casou-se aos 15 anos de idade, com José Amaro da Silveira, e teve três filhos antes de

iniciar sua carreira de cantora lírica. Em 1918, Zola Amaro mudou-se para Buenos Aires com o marido e os filhos, e ali conheceu Enrico Caruso, que a incentiva à abraçar a carreira artística. No ano de 1920, realizou sua primeira aparição como cantora lírica nos palcos pelotenses, já consagrada e aclamada, tanto na Europa, quanto no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto, mesmo sendo uma cantora lírica de sólida carreira internacional, Zola Amaro enfrentou forte preconceito por parte da sociedade pelotense, que via em sua carreira profissional um forte demérito pessoal e social. Sua meteórica carreira foi curta, tendo em vista que retirou-se dos grandes palcos por volta de 1937.

Entendemos que o destaque dado pela *Ilustração Pelotense* para Zola Amaro retrata a consideração que os editores tinham desta cantora como figura pelotense ilustre e também como mulher-artista de atuação profissional.

Já referimos anteriormente que o positivismo riograndense via com bons olhos a formação humanística mais ampla para a mulher, e compreendia a música como parte essencial de sua educação. No entanto, observamos que, após sua etapa de formação, a atuação da mulher era considerada adequada se esta tornava-se mãe de família ou professora, e mantinha seu envolvimento com a música restrito ao entorno familiar.

Podemos inferir que a forte presença do Conservatório de Musica nas páginas da *Revista Ilustração Pelotense* pode ser advinda de sua consideração social como instituição de formação musical, tendo em vista a importância dada à formação musical da mulher no Rio Grande do Sul da época.

Observamos também o forte destaque dado pela Revista para a figura da mulher-intérprete associada ao seu par masculino, enfatizando o casal como instituição social de grande importância e ao mesmo tempo resguardando a reputação social da musicista, vide o exemplo do casal Osório, presente nas páginas da Revista.

No entanto, Zola Amaro não enquadrava-se neste padrão. Não era professora de canto, e embora tivesse filhos e marido, atuava como cantora em uma companhia dramática, ao que lhe valeu a observação familiar “que tristeza, minha filha vai ser cômica”.

A dedicação que Zola devotou à carreira de cantora lírica, mesmo sendo “mãe de família” e contando com o apoio desta e do marido, fez com que priorizasse as atividades com a companhia de óperas, em detrimento da opinião da sociedade.

Tornou-se assim uma “mulher de teatro”, expressão despectiva que designava alguém de carreira artística profissional, mas que incluía muitas vezes uma reputação duvidosa.

Na Pelotas de começos do século XX, inserida nos preceitos positivistas riograndenses, Zola Amaro sofreu com a não aceitação de seus conterrâneos e com o preconceito por ter escolhido ser uma cantora profissional (Lima e Campos, 1998). Obviamente, a consagração internacional de sua carreira amenizou ou refreou este preconceito, mas não o eliminou de todo: tornou-o velado.

Tal fato está presente, mais além das entrelinhas, na poesia de Coelho da Costa proferida em apresentação artística da cantora em 19 de novembro de 1920 e publicada no jornal A Opinião Publica:

Milagre sonoro - Ao egrégio soprano Zola Amaro –
Por Sr.Tenente Januário Coelho da Costa

Que importa o preconceito hostil tentasse ou tente / Empanar-te o fulgor da gloriosa conquista, / Se hoje, ao te ver triunfante assim, nossa alma sente / A beleza imortal que há no teu gesto, artista?! / Pode o gênio tombar, vencido, em meio à pista, / A alma a sangrar de dor, ardendo em febre a mente; / Nada pode impedir, porem, que a Fama o vista / De um mágico esplendor, de uma auréola fulgente / Tu vens de conquistar pelo mundo a suprema / Consagração do artista, a mais alta vitória!. / Cingi-te a fronte augusta um sagrado diadema... / E agora, que a tua voz nos eletriza e encanta, / Nos compreendemos bem teu triunfo e tua gloria, / Ao milagre pagão de sons desta garganta! (LIMA e CAMPOS, 1998:89)

Nesta poesia, observamos a referência aos hostis preconceitos que Zola sofreu em sua cidade natal, e é digno de nota que o autor do poema seja o mesmo Coelho da Costa que atuava como redator da *Revista Ilustração Pelotense*.

Destacaremos a seguir alguns trechos da *Ilustração* que fazem referência a Zola Amaro:

“...A sua figura no curto espaço de dois anos apenas , quando deixou o diletantismo, tomou logo notável destaque pode-se dizer que mundial. Os aplausos que ela vem recebendo de platéias cultas...” “...A soprano conterrânea está ao nível dos mais notáveis cantores da atualidade.” (*Revista Ilustração Pelotense* Novembro de 1920, n°. 22, 2ª. Quinzena, Pág. 01)

A partir do extrato acima, observamos que a *Revista Ilustração Pelotense* reconhece Zola Amaro como uma figura de grande vulto dentro do cenário lírico internacional, e a seguir destacamos um trecho que trata da atuação de Zola no papel título da ópera Aída:

“...Já nessa epopéia musical interpretando maravilhosamente o papel de Aida, Zola Amaro revelou à enorme assistência embevecida a pujança incomparável e a estupenda maviosidade de sua garganta divina. De momento a momento, a excelsa cantora recebia do auditório as palmas vibrantes, o testemunho irrefutável do seu encantamento, do seu entusiasmo, da quase idolatria...”
(*Revista Ilustração Pelotense*, Dezembro de 1920, Revista n°. 23, 1ª. Quinzena, Pág. 02)

Ainda são destacados outros papéis operísticos, pertencentes ao repertório consagrado das cantoras:

“...Na ópera prodigiosa do nosso extraordinário Carlos Gomes, a excelsa cantora deu uma Cecy de inesquecível relevo. Na Norma, Zola Amaro confirmou a sua fama mundial. A protagonista da sublime composição de Bellini encarnou-a, incomparavelmente, a egrégia soprano pelotense. Foi um delírio emotivo o estado de alma provocado na assistência pelo milagre sonoro que então realizou a garganta sublime de Zola Amaro. É indefinível o poder sugestivo da voz milagrosa da inigualável cantora...” (*Revista Ilustração Pelotense*, Dezembro de 1920, Revista n.º. 23, 1ª. Quinzena, Pág. 02)

As menções sempre elogiosas a Zola podem traduzir-se por um apoio da *Revista Ilustração Pelotense*, de seu editor e de Coelho da Costa, à cantora como uma intérprete profissional e ter o objetivo de dar credibilidade à sua atuação no cenário artístico da época. Observamos também a imagem de Zola Amaro ilustrando a capa da revista e uma fotografia sua em Veneza, ambas imagens traduzindo elementos da aura de encantamento identificada com a profissão de artista.

Se podemos observar uma forte presença das mulheres musicistas nas páginas da *Revista Ilustração Pelotense*, também é certo dizer que uma leitura exaustiva do significado de suas considerações se estenderia além das dimensões exigidas para este artigo. Se tivermos em conta que era esta uma revista produzida e editada apenas por homens, as dimensões da análise a ser feita escapam aos limites apenas das publicações femininas do período, mas devem conceber a visão da sociedade também masculina sobre a mulher.

Neste sentido, consideramos interessante observar que são reiteradas na Revista as referências a mulheres instrumentistas, ao contrario do que poder-se-ia supor, tendo em vistas as concepções da época sobre o exercício feminino da música como profissão artística.

Entendemos que a *Revista Ilustração Pelotense* representou, no período 1919-1927, um importante veículo estético e cultural para a cidade de Pelotas e estado do Rio Grande do Sul, divulgando concertos, produção musical, a atuação e as idéias de intelectuais. Desta forma, entendemos que o estudo dos artigos e imagens nela publicados pode lançar novas luzes para o entendimento do cenário cultural do RS no começo do século.

Finalizando, consideramos que a *Revista Ilustração Pelotense* não apenas se apresenta como uma fonte rica de informações, mas sim como elemento indispensável aos estudos

que buscam compreender e mapear a vida musical no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BASSANEZI, Carla; PRIORI, Marya Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

CALDAS, Pedro Henrique. *História do Conservatório de Música de Pelotas*. Pelotas: Semeador, 1992.

ISMÉRIO, Clarisse; *Mulher: A Moral e o Imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre. c.7, 1995.

KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil. Séc. XIX*. Rio de Janeiro MEC/FUNARTE, 1980.

_____. *Hercules Florence*. 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

_____. *A fotografia como fonte histórica; introdução à pesquisa e interpretação de imagens do passado*. São Paulo: Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980

_____. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, Miriam. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.

LUCAS, Maria Elizabeth. Classe dominante e cultura musical no RS: do amadorismo à profissionalização. In GONZAGA, Sergius e DACANAL, José Hildebrando, (org.) *RS: Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1980.

_____. História e patrimônio de uma instituição musical: um projeto modernista no sul do Brasil?. In: NOGUEIRA, Isabel (Org.). *História Iconográfica do Conservatório de Música de Pelotas*. Publicação prevista para setembro de 2005.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPEL/ Liv. Mundial, 1993.

NOGUEIRA, Isabel Porto. *El pianismo en la ciudad de Pelotas (RS, Brasil) de 1918 a 1968*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2003.

_____. (Org.). *História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPel*. Porto Alegre: Palotti, 2005.

NOVAIS, F.A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REVISTA ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE. Pelotas, 1919-1927.

ROCHA, Cândida Isabel Madruga da. *Um século de música erudita em Pelotas- alguns aspectos (1827-1927)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1979.

LEAL RODRIGUES, Claudia Maria. *Institucionalizando o ofício de ensinar: um estudo histórico sobre a educação musical em Porto Alegre (1877-1918)*. 2000. Dissertação. (Programa de Pós Graduação em Música) UFRGS, Porto Alegre.

WISNIK, José Miguel. *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Currículo das Autoras:

Isabel Porto Nogueira

Professora Adjunta do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas (RS), área de Musicologia, desde 1997. É Diretora do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas desde 2003. Bacharel em Piano pela Universidade Federal de Pelotas (1993) e Doutora em História e Ciências da Música – Musicologia pela Universidade Autônoma de Madri, Espanha (2001). Foi bolsista pelo governo espanhol para os cursos Música em Compostela e Festival de Música Manuel de Falla, ambos na área de Musicologia, nos anos de 1995, 1996 e 1997. Líder do Grupo de Pesquisa em Musicologia da Universidade Federal de Pelotas e membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Interpretativas (GPPI) UFRGS/CAPES. Professora do Curso de Pós-Graduação Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material, promovido pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Coordena e participa de projetos de pesquisa na área de Musicologia e História, participando regularmente de congressos na área. Publicou em 2003 o livro “*El pianismo en la ciudad de Pelotas 1918-1968*”, e em 2005 o livro “*História Iconográfica do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas*”, financiado pela Lei de Incentivo à Cultura Estadual. É coordenadora do Centro de Documentação Musical da Universidade Federal de Pelotas, que congrega pesquisadores e projetos na área de musicologia, memória e patrimônio musical do Rio Grande do Sul na Primeira República.

Francisca Ferreira Michelin

Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Arte e Design da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Artes Visuais (UFRGS/1993) e Doutora em História (PUCRS/2001). Coordenadora do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos (UFPEL). Trabalha com sistematização de acervos fotográficos desde 1997. Pesquisa fotografias em fontes impressas desde 1998. Estuda a fotografia em Pelotas desde 1994. Possui artigos publicados em anais de eventos nacionais e internacionais, periódicos nacionais e capítulos de livros.

